



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE GEOGRAFIA/LICENCIATURA**

CARLOS DANIEL NERIS ROCHA

**UM RELATO AUTOBIOGRÁFICO SOBRE A FORMAÇÃO E AS VIVÊNCIAS NO
CURSO DE GEOGRAFIA**

FORTALEZA – CE

2023

CARLOS DANIEL NERIS ROCHA

UM RELATO AUTOBIOGRÁFICO SOBRE A FORMAÇÃO E AS VIVÊNCIAS NO
CURSO DE GEOGRAFIA

Trabalho de Conclusão de Curso (Memorial) apresentado ao Curso de Geografia do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial necessária à obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Edivani Silva Barbosa

FORTALEZA - CE

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R572r Rocha, Carlos Daniel Neris.
Um relato autobiográfico sobre a formação e as vivências no curso de Geografia / Carlos Daniel Neris
Rocha. – 2023.
44 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências,
Curso de Geografia, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. Maria Edivani Silva Barbosa.

1. Pesquisa autobiográfica. 2. Formação docente. 3. Estágio supervisionado. I. Título.

CDD 910

CARLOS DANIEL NERIS ROCHA

UM RELATO AUTOBIOGRÁFICO SOBRE A FORMAÇÃO E AS VIVÊNCIAS NO
CURSO DE GEOGRAFIA

Trabalho de Conclusão de Curso
(Memorial) apresentado ao Curso de
Geografia do Departamento de Geografia
da Universidade Federal do Ceará, como
requisito parcial necessária à obtenção do
título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Edivani Silva
Barbosa

Aprovada em: ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Maria Edivani Silva Barbosa
Universidade Federal do Ceará

Prof^a. Débora Marques da Silva
Universidade Federal do Ceará

Prof. Esp. Antônio Inácio Sousa Ferreira de Vasconcelos
Secretaria Municipal de Educação

Dedico aos meus pais, Isabel e Augusto, por todo o suporte que me deram. Aos amigos e professores que me ajudaram ao longo dessa trajetória. Aos que lutaram para que eu pudesse ocupar esse espaço.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Isabel e Augusto, que me apoiaram e me mantiveram na escola e na universidade por todos esses anos. Se estou conseguindo trilhar esse caminho é porque ambos fizeram o que era possível para me manterem em uma posição de ter os estudos como única prioridade.

Agradeço também a todos os meus amigos que me ajudaram ao longo desses anos, em especial o meu amigo Jerfeson (Veganize) que foi um presente que a geografia me deu. Em todos os nossos anos de amizade ele sempre fez o possível para me ajudar.

Ao Programa de Educação Tutorial, no qual passei dois anos e cinco meses e pude vivenciar diversas experiências que me ajudaram a seguir na Geografia.

Agradeço a professora Edivani pelo apoio e comprometimento com a educação, uma professora que entende todo o valor social que está presente no trabalho que desenvolve. À banca que aceitou participar deste momento único e que leram este trabalho e contribuíram com seriedade e empenho. Agradeço a todos àqueles que me ajudaram a ser quem eu sou me apoiaram nos caminhos que decidi percorrer.

RESUMO

O presente Memorial traz relatos das minhas experiências estudantis, desde o ensino básico ao ensino superior e os meus primeiros passos no magistério. Neste trabalho narro sobre diversas vivências que tive ao longo do curso de Geografia, acadêmicas ou não. O motivo de escolher um memorial vai além de contar a história como de fato aconteceu, mas trazer significado para as vivências através da escrita. Revisitar vivências e atribuir-lhes significados e ressignificados é o propósito deste trabalho memorial. Contar sobre como iniciei minha trajetória docente, quais foram as influências externas ao ambiente acadêmico que contribuíram com a decisão de ingressar no curso de licenciatura em Geografia. Compreender como cada estágio contribuiu para a minha formação docente e como minha identidade docente foi sendo construída. A justificativa do trabalho é entender como a trajetória acadêmica e os demais caminhos vivenciados durante o período da graduação corroboram com a formação da docência de um estudante de licenciatura. A metodologia do trabalho consiste em analisar e interpretar os acontecimentos durante a formação docente que trazem significado ao ser professor. O recorte temporal vai de 2019 a 2023, com análise de disciplinas, autores, experiências extracurriculares, eventos, bolsa acadêmica e os estágios supervisionados. Autores como Lopes (1997), Neves (2010), Sato (2007) e Silva (2010) são alguns autores citados neste trabalho que nos ajudam a compreender a importância da pesquisa autobiográfica e de como os significados das vivências são construídos ao realizar esse tipo de pesquisa. Pimenta (2006), Lima (2012), Straforini (2004), entre outros, trazem significado para a prática dos estágios vivenciados nas escolas, que também são o foco deste trabalho. O seguinte trabalho está estruturado de acordo com as vivências estudantis, que vão desde a educação básica ao ensino superior, também abordando projetos extracurriculares, bolsa acadêmica, vivências em eventos e os estágios supervisionado. A minha trajetória acadêmica foi importante para o docente que me tornei pois as experiências trouxeram evolução e aprendizagem para que me tornasse um professor crítico que busca ter essa abordagem em sala de aula.

Palavras-chave: Pesquisa Autobiográfica. Formação Docente. Estágio Supervisionado.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: MAPA DE LOCALIZAÇÃO DAS ESCOLAS ONDE ESTUDEI.....	14
FIGURA 2: DIA DE MATRÍCULA NA UFC.....	19
FIGURA 4: APRESENTAÇÃO DE OFICINA PELO PET GEOGRAFIA UFC.....	22
FIGURA 5: COMISSÃO GERAL AGIR 2023.....	24
FIGURA 6: APRESENTAÇÃO DE TRABALHO NO XX ENCEPET.....	25
FIGURA 7:FOTO TIRADA DURANTE O EVENTO FALA PROFESSOR.....	26
FIGURA 8: MAPA DE LOCALIZAÇÃO DAS ESCOLAS ONDE ESTAGIEI.....	27
FIGURA 9: RODA DE CONVERSA SOBRE BRANQUITUDE.....	29
FIGURA 10: SALA DE AULA ESPACIAL NA ESCOLA MARIETA.....	32
FIGURA 11: APRESENTAÇÃO DE AULA SOBRE GEOGRAFIA REGIONAL.....	38
FIGURA 12 A: FOTO COM A SUPERVISORA DE ESTÁGIO VANESSA GOES.....	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGB	Associação de Geógrafos Brasileiros
AGIR	Ação do Grupo InterPET Reunido
BIA	Bolsa de Iniciação a Docência
EEEGE	Encontro Estadual do Estudantes de Geografia
EEEP	Escola Estadual de Educação Profissional
EEFM	Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EMEIF	Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental
ENCEPET	Encontro Cearense dos Grupos PET
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ENPEG	Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia
EMTI	Escola Municipal de Tempo Integral
IDEIA	Iniciativa de Desenvolvimento do Ensino Interpetiano para o Aprendizado
IFCE	Instituto Federal do Ceará
IMPARH	Instituto Municipal de Desenvolvimento de Recursos Humanos
LAPUR	Laboratório de Planejamento Urbano e Regional
PDT	Professor Diretor de Turma
PET	Programa de Educação Tutorial
PRAE	Pró- Reitoria de Assuntos Estudantis
UFC	Universidade Federal do Ceará
URCA	Universidade Regional do Cariri

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. MEMÓRIAS DE ESTUDANTE	12
1.2 ENSINO MÉDIO NA EEEP DARCY RIBEIRO	14
1.2.1 A entrada na Geografia da UFC	17
2. O ENSINO E AS VIVÊNCIAS DURANTE A PANDEMIA	20
2.1 O PET GEOGRAFIA UFC	21
2.1.1 Os demais projetos realizados durante a graduação	22
2.2 OS EVENTOS ACADÊMICOS	24
3.1.1 Disciplina de Gênero, Sexualidade, Feminismos e Interseccionalidade na Educação	28
3.2 ESTÁGIO SUPERVISIONADO I	30
3.2.1 Estágio Supervisionado II	32
3.2.2 Estágio Supervisionado III	34
3.2.3 Estágio Supervisionado IV	39
4. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE AS EXPERIÊNCIAS COMO DOCENTE	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.” Começo esse trabalho com essa conhecida citação do Paulo Freire (1979), que permanece sendo uma verdade com a qual compactuo e acredito.

O presente trabalho é uma pesquisa autobiográfica na qual compartilho um pouco da minha trajetória na universidade que me ajudou na formação na qualidade de docente em Geografia.

Conforme Silva (2010) uma pesquisa autobiográfica é uma forma de repensar a realidade, entender como o sujeito está inserido no mundo e como as experiências coletivas e individuais moldam a sua individualidade.

Ainda segundo o autor, a narrativa de um professor é importante para valorizar a perspectiva do sujeito, suas emoções, sentimentos, percepções e experiências pessoais, que foi o que busquei trazer neste trabalho.

Neves (2010) explica que a escrita autobiográfica não é necessariamente um relato completo da verdade, mas uma forma de perceber como o autor narrador se coloca diante das situações vivenciadas, narrar a própria história é revisitar momentos e atribuir novos significados.

A decisão para ser professor, o lugar onde tudo começa, não poderia ser outro se não a escola. Mais precisamente a Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental (EMEIF) Padre Cícero Romão Batista, escola onde cursei do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental, localizada no bairro Conjunto Esperança, em Fortaleza.

Desde a época em que estive nessa instituição que quando me perguntavam o que gostaria de ser quando fosse adulto respondia que seria professor. Sempre admirei os(as) professores(as) que fizeram parte da minha formação e queria ser como eles, além de que nunca consegui me imaginar passando horas frente a um computador em um escritório resolvendo assuntos burocráticos.

Na segunda parte do Ensino Fundamental, do sexto ao nono ano, que cursei na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEFM) Adélia Brasil Feijó, localizada também no Conjunto Esperança, permaneci admirando meus/minhas professores(as), que cresceram em número de forma significativa, de um para vários, cada disciplina sendo ministrada por um(a) professor(a) diferente.

Das diversas disciplinas que estudava no Ensino Fundamental, foi justamente a Geografia que mais me atraiu. A diversidade de temas, a compreensão do mundo e como nós estamos inseridos(as) nele me fizeram criar um grande apreço por essa ciência. Ademais, os(as) professores(as) que eu mais admirava também eram os(as) professores(as) de Geografia, por conta de seus posicionamentos políticos e pluralidade de conhecimentos.

Dessa forma surgia em mim a vontade de ser professor de Geografia, pois aquela era a ciência que eu acreditava ser fundamental para uma verdadeira mudança social através da educação.

No Ensino Médio, cursado na Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP) Darcy Ribeiro, localizada no bairro Conjunto Esperança, pude aprofundar as minhas vivências e percepções de mundo. Para começar, me matriculei no curso técnico em Agroindústria, para sobre reações bioquímicas de alimentos, legislação de alimentos, produção de alimentos industrializados...

Embora não fosse algo que iria verdadeiramente contribuir para o que gostaria de fazer ao terminar o Ensino Médio, a escola e os(as) professores(as) me ajudaram a expandir minhas possibilidades e, até mesmo o curso técnico em agroindústria contribuiu para isso, mesmo que atualmente o conhecimento construído durante meu período no curso seja mais utilizado em conversas casuais.

Durante o tempo no Ensino Médio, estudando de forma integral, várias outras opções passaram pela minha cabeça (embora Geografia nunca tenha saído) como psicologia, letras, agronomia, engenharia ambiental...

No entanto, mesmo que pensasse em outras possibilidades, a vontade de ser professor já era algo que me dominava. Ter a oportunidade de exercer essa profissão não saía da minha cabeça.

Mas como nem tudo são flores, em vários momentos, ao revelar a minha vontade de ser professor, fui desacreditado por alguns professores que lecionavam nas escolas que frequentei. Acredito que não diziam essas desmotivações por maldade, mas sim por estarem vivendo as dificuldades da profissão, que segue sendo desvalorizada no Brasil.

Em 2019 ingressei no curso de Geografia na Universidade Federal do Ceará, logo após concluir o Ensino Médio. Era o primeiro da família a ter conseguido o acesso ao ensino superior em uma instituição pública.

É impressionante como ser o primeiro da família a ingressar no ensino superior nos evoca um misto de emoções. Me senti extremamente feliz e grato por todo o apoio que recebi e por está colhendo os frutos do meu esforço durante o Ensino Médio. Além disso, pensar em como as pessoas da minha família, que vieram antes de mim, não tiveram a mesma oportunidade de ocuparem esse espaço.

Por isso, esse trabalho memorial, também é um trabalho de resistência, de resiliência, uma narrativa de luta e muita aprendizagem. Como diz Cunha (1997, *apud* NEVES, 2010, p. 126):

As pessoas vão contando suas experiências, crenças e expectativas e, ao mesmo tempo, vão anunciando novas possibilidades, intenções e projetos. Às vezes, torna-se até difícil separar o vivido do que está por viver. Experiência e narrativa se imbricam e se tornam parte da expressão de vida de um sujeito. É por isso que se pode afirmar que a escrita sobre uma realidade pode afetar esta mesma realidade, pois assim como são os pensamentos que orientam a ação racional, a narração conduzirá ao desempenho de fatos vitais.

Revisitar vivências e atribuir-lhes significados e ressignificados é o propósito deste trabalho memorial. Contar sobre como iniciei minha trajetória docente, quais foram as influências externas ao ambiente acadêmico que contribuíram com a decisão de ingressar no curso de licenciatura em Geografia. Compreender como cada estágio contribuiu para a minha formação docente e como minha identidade docente foi sendo construída.

O objetivo deste trabalho é compreender os caminhos percorridos antes e durante a minha formação acadêmica e como eles influenciaram na minha formação docente. A formação inicial enquanto estudante na educação básica, os projetos que participei, disciplinas e professores da graduação que marcaram a minha trajetória acadêmica e os estágios supervisionados nas escolas.

A justificativa do trabalho é entender como a trajetória acadêmica e os demais caminhos vivenciados durante o período da graduação corroboram com a formação da docência de um estudante de licenciatura.

A metodologia do trabalho consiste em analisar e interpretar os acontecimentos durante a formação docente que trazem significado ao ser professor. O recorte temporal vai de 2019 a 2023, com análise de disciplinas, autores, experiências extracurriculares, eventos, bolsa acadêmica e os estágios supervisionados.

Autores como Lopes (1997), Neves (2010), Sato (2007) e Silva (2010) são alguns autores citados neste trabalho que nos ajudam a compreender a importância

da pesquisa autobiográfica e de como os significados das vivências são construídos ao realizar esse tipo de pesquisa.

Pimenta (2006), Lima (2012), Straforini (2004), entre outros, trazem significado para a prática dos estágios vivenciados nas escolas, que também são o foco deste trabalho.

O seguinte trabalho está estruturado de acordo com as vivências estudantis, que vão desde a educação básica ao ensino superior, também abordando projetos extracurriculares, bolsa acadêmica, vivências em eventos e os estágios supervisionados.

1. MEMÓRIAS DE ESTUDANTE

Começo minha vida estudantil, pelo menos o que me recordo, na EMEIF Padre Cícero Romão Batista, onde estudei dos meus seis aos onze anos, no período de 2006 a 2011. Era uma escola muito simples, com uma estrutura precária, salas quentes e uma abordagem muito tradicional.

Lembro-me que sempre antes do início de cada dia letivo, as crianças eram reunidas no pátio da escola para o momento de acolhida, que consistia em um momento para oração do Pai Nosso e para cantarmos o hino nacional (pelo menos uma vez por semana).

Nesta escola também vivenciei o primeiro método punitivo que sofri dentro das instituições de ensino que frequentei: ficar sem recreio. Para o Daniel atual, um jovem adulto de 23 anos, o recreio parece ser uma atividade insignificante, mas para o Daniel criança o intervalo era um momento de socialização importante e ficar sem esse momento era algo doloroso.

Conforme Todorov (2014), a corporeidade de um indivíduo é moldada a partir da forma como este indivíduo vivencia a sociedade na qual está inserido, e escola também é um desses espaços que modificam a corporeidade conforme realiza as suas atividades.

Lima (2012) aborda sobre as memórias de estudante ao falar sobre a formação docente, os caminhos que levam ao magistério e como as percepções são formadas dentro do espaço escolar e na teoria. A formação do ser professor também carrega as vivências do estudante da educação básica, no período de formação, pois o professor

em sala de aula não é apenas o ser professor, mas também o ser social com suas lutas e percepções de mundo.

Alguns anos após sair da educação básica é que fui percebendo como meu corpo foi passando por momentos de agressões, especialmente por eu ser uma pessoa negra, embora não soubesse na época, de alunos e professores.

A não ser no mês de novembro, no qual se celebra o dia da consciência negra, não tive minha negritude incentivada nas vivências escolares, algo que durante os meus períodos em sala de aula como professor eu busquei trabalhar com os meus/minhas alunos(as).

No entanto, nem tudo foi marcado por vivências ruins, nessa escola aprendi a gostar das festas juninas, também gostei de várias das professoras que fizeram parte da minha alfabetização.

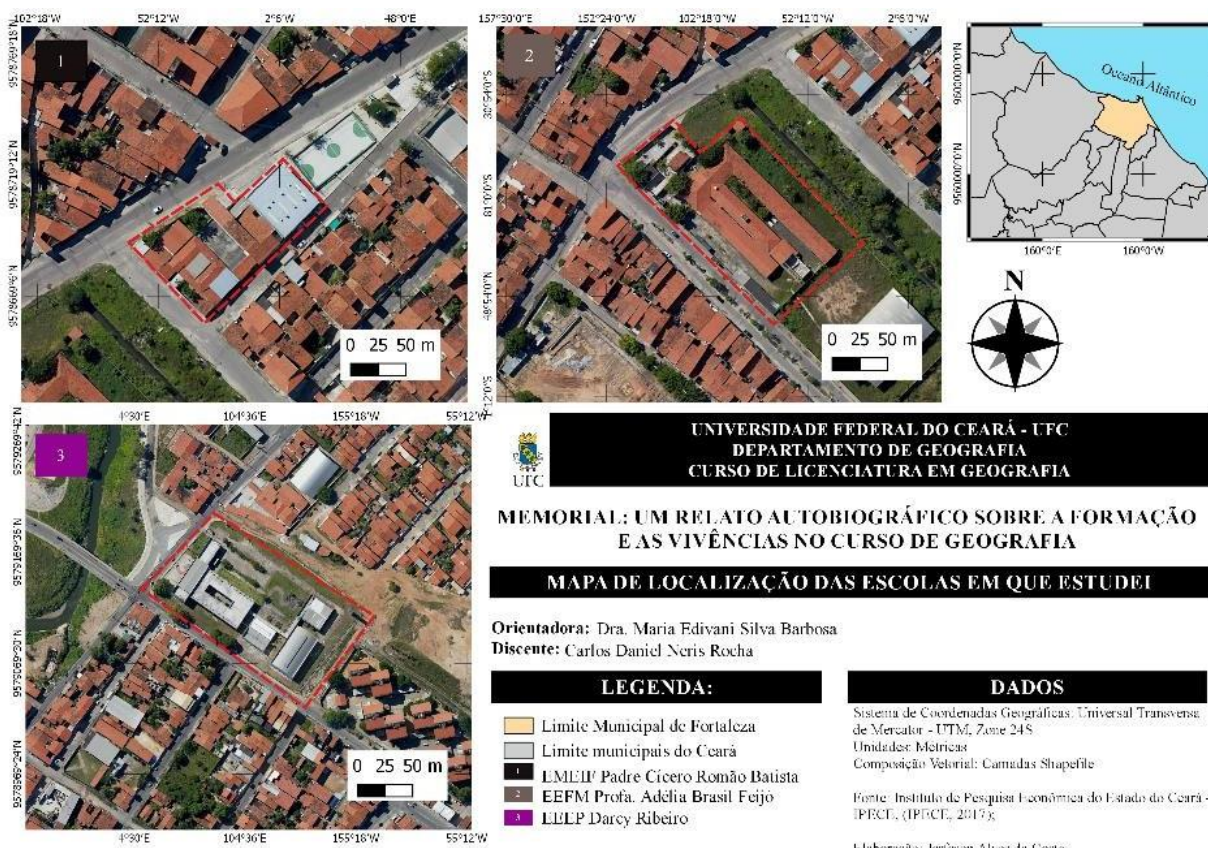
No Ensino Fundamental, anos finais, do 6º ao 9º ano, estudei na EEFM Adélia Brasil Feijó, popularmente conhecida pela comunidade como 4. Foi durante o tempo que passei nessa escola que decidi que seria professor de Geografia, muito influenciado por alguns/algumas professores que tive: Pedro, Icla e Marcos.

A escola era muito antiga e com uma estrutura precária, salas quentes, muitos(as) alunos(as) por sala, uma alimentação não muito saudável e insuficiente. . A realidade é que hoje consigo perceber de forma mais explícita o quanto o meu processo de educação, assim como daqueles(as) que também estavam na escola comigo, foi um processo marcado por faltas.

Se em alguns momentos nos faltava material para a realização de atividades, ou computadores no laboratório de informática para que pudéssemos pesquisar sobre um assunto que o(a) professor(a) abordou em sala de aula, em outro nos faltava até mesmo o(a) professor(a), o que contribuía para o aumento da defasagem que carregamos.

As vivências nas escolas onde cursei o Ensino Fundamental (anos iniciais e finais) foram marcadas por diversas situações, boas e ruins, que foram essenciais para a minha formação naquele período da minha vida escolar, ensinamentos que carrego comigo até os dias de hoje.

Figura 1: Mapa de localização das escolas onde estudei



Fonte: IPECE, 2019, Elaboração de Costa, 2023.

Todavia, durante a minha formação na educação básica, o Ensino Médio foram os três anos mais importantes, pois além dos conteúdos, a convivência diária e em tempo integral com alunos(as) e professores(as) me ajudou no desenvolvimento como pessoa e futuro profissional professor, o que só foi possível de perceber após a conclusão desse período.

1.2 Ensino Médio na EEEP Darcy Ribeiro

Quando estava no Ensino Fundamental as obras para a construção da escola começaram, em um espaço que anteriormente era um terreno em uso. Por estar perto da minha casa, passava em frente à construção com frequência, geralmente acompanhado pela minha mãe, Isabel, que desde que soube da inauguração da nova escola desejava que eu estudasse lá.

De início não aceitei bem a ideia de ter que passar o dia em uma escola, me parecia, na época, tempo demais estudando e não era assim que gostaria de passar os meus três anos do Ensino Médio. Todavia, mesmo que contrário à minha vontade, mas por exigência dos meus pais, me matriculei na escola.

Era vontade dos meus pais que eu entrasse em uma escola profissionalizante, pois minha prima havia ingressado em uma dois anos antes e estava se preparando para ter uma profissão, logo eu também deveria estudar em uma escola que fosse me preparar para o mercado de trabalho.

Dessa forma, durante boa parte do meu Ensino Fundamental estive aguardando pelo momento em fosse estudar na EEEP Darcy Ribeiro.

A escola foi inaugurada no ano de 2014, com quatro turmas, eu entrei no ano de 2016, completando, dessa forma, as doze turmas que deveriam compor a escola (quatro turmas de cada série do Ensino Médio).

Quando fui realizar a minha matrícula, em 2015, para ingressar no ano letivo seguinte, havia quatro opções de cursos profissionalizantes: Agrimensura, Agroindústria, Paisagismo e Nutrição e Dietética.

Por já ter interesse em cursar Geografia no ensino superior, minha primeira opção era o curso de Agrimensura, pois existia uma aproximação com a ciência geográfica. Contudo, antes das matrículas, a escola realizou uma palestra com os professores de cada curso, para que apresentassem os componentes curriculares e as áreas de atuação.

Ao assistir as apresentações dos professores dos cursos técnicos percebi que o curso de Agrimensura não era aquilo que estava esperando e, no último momento, mudei minha escolha para Agroindústria, mesmo sendo uma área completamente diferente do curso de Geografia.

Dessa forma, ingressei no curso de Agroindústria e comecei o Ensino Médio em tempo integral. No começo, durante o processo de adaptação à nova rotina, ao chegar da escola estava sempre exausto, tomava banho, comia e ia dormir.

Além disso, as regras na escola eram muito rígidas exigiam desde a cor do sapato ao não uso dos celulares, nessa época eu também não me interessava por passar várias horas utilizando o aparelho. A convivência com outros(as) adolescentes durante todo o dia e nos momentos de refeição também foi algo que levei um certo tempo até me adaptar. O que quero dizer é que estava inserido em um outro contexto quando ingressei naquela escola.

As aulas também eram diferentes, durante o primeiro ano do Ensino Médio profissionalizante, as aulas do curso técnico só se iniciam após o período de férias de julho, no mês de agosto. Dessa forma, a estrutura curricular possui diversos outros

elementos para a nossa formação: aulas de empreendedorismo, informática básica, aulas destinadas ao estudo das disciplinas e projeto de vida.

As turmas também eram acompanhadas por um professor específico: o PDT, que tinha como função orientar os(as) alunos(as) em relação às notas e comportamentos.

No meu primeiro ano também acabamos por ser afetados pela greve de professores(as) da rede estadual de ensino, que durou mais de cem dias. Na época não tinha o entendimento necessário para compreender a importância das greves como uma forma de reivindicação dos(as) professores(as) por melhorias para eles e para nós, mas sabia que estavam lutando por algo importante.

As aulas retornaram e pude prosseguir com os estudos no Ensino Médio. Estou fazendo toda essa lembrança porque acredito na importância de destacar como as vivências na EEEP Darcy Ribeiro foram importantes para a minha formação, até mesmo na qualidade de estudante de licenciatura, pois realizei o meu último estágio, o de Ensino Médio, na escola onde estudei, juntamente com a minha professora de Geografia que me ensinou ao longo daqueles três anos, a professora Vanessa.

As atividades desenvolvidas na escola, tanto por parte dos(as) professores(as) e gestão, foram fundamentais para que eu conseguisse ingressar no ensino superior e desenvolvesse o meu pensamento crítico.

Realizar projetos para as feiras de ciências, atividades culturais, semanas de humanidades, visitas técnicas, simulados para o ENEM, aulões preparatórios, entre outros. Era visível que existia uma preocupação com a formação dos(as) alunos(as) que compunham o corpo estudantil naquela escola.

Já no meu último ano de escola, no qual deveria realizar o ENEM, concluir as aulas teóricas do curso de Agroindústria e começar o estágio obrigatório, que realizei na EMBRAPA Agroindústria Tropical, também comecei a frequentar as aulas do Academia ENEM, um cursinho preparatório para os estudantes que iriam prestar o exame.

O motivo principal pelo qual optei por ingressar no projeto foi porque na época os(as) alunos(as) que concluíram o curso com presença superior a 75% dos encontros, que eram realizados no Ginásio Paulo Sarasate, aos finais de semana, e estivessem entre aqueles que com as 100 maiores notas no ENEM, poderiam participar do Juventude Sem Fronteiras.

O Juventude Sem Fronteiras era um projeto da Prefeitura de Fortaleza que iria levar os 100 jovens com as maiores notas no ENEM que participaram do Academia para realizar um intercâmbio, por dois meses, podendo escolher entre Inglaterra ou Espanha, onde iriam estudar o idioma do país selecionado.

Quando estava terminando o meu primeiro semestre no curso de Geografia, já em 2019, fui selecionado para participar do projeto e realizei meu intercâmbio na cidade de Liverpool, na Inglaterra.

O intercambio durou dois meses e foi financiado pela Prefeitura de Fortaleza. Durante as semanas que passei em Liverpool estive matriculado em uma escola de inglês para estrangeiros, que estudava de segunda à sexta. Aos finais de semana costumava passear pela cidade ou viajar com os amigos brasileiros que também foram para o intercâmbio comigo.

A experiência de estudar inglês em outros país me motivou a continuar os estudos na língua quando retornei ao Brasil e, por consequência, ingressei em um curso de inglês no Instituto Municipal de Desenvolvimento de Recursos Humanos- IMPARH, concluindo o curso de inglês intermediário no ano de 2023.

O ingresso na universidade, a realização do intercâmbio e a conclusão no curso técnico em Agroindústria foram os principais acontecimentos que marcaram a minha trajetória no Ensino Médio.

Esse período na minha formação na qualidade de estudante e como pessoa marcou muito o começo da minha trajetória, e por isso a importância de relatar neste memorial, pois foram diversos os caminhos além da universidade que me ajudaram a desenvolver (o que acredito que estará em desenvolvimento ao longo de toda a minha trajetória como professor) os caminhos iniciais da professoralidade.

1.2.1 A entrada na Geografia da UFC

Ingressei no curso de Geografia no primeiro semestre do ano de 2019, logo após concluir o Ensino Médio. Meu primeiro “contato” com os(as) estudantes do curso foi ao realizar a minha inscrição na Pró- Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE). Ao sair ouvi um coro de estudantes perguntando: “Qual é o curso?” para o que eu respondi e logo fui puxado e tomei o tradicional banho de tinta.

O ingresso na universidade foi algo marcante pois fui o primeiro da família a conseguir ingressar em uma universidade pública, o que não coloco como um feito que me faça sobrepôr em relação aos meus familiares, mas sim compreender como as estruturas sociais nos impossibilitam de ocupar certos espaços.

Quando comecei no curso estava muito empolgado em começar as disciplinas, em ocupar o espaço universitário, os laboratórios, os grupos de estudos, entre outros. As aulas de Geografia da População com o professor Francisco Amaro Gomes de Alencar eram as aulas que mais gostava no primeiro semestre

No primeiro semestre comecei a participar da Bolsa de Iniciação Acadêmica (BIA) com a professora Iara, em um projeto sobre Literatura e Geografia que estava vinculado ao Laboratório de Planejamento Urbano e Regional (LAPUR), laboratório do qual a professora faz parte. A BIA é um programa de permanência da Universidade Federal do Ceará para alunos de baixa renda que possibilita que os estudantes ingressem desde o primeiro semestre. Não passei mais do que três meses na bolsa, pois no segundo semestre do ano de 2019 optei por trancar o curso para ir ao intercâmbio oferecido pela Prefeitura de Fortaleza.

Também foi no começo do curso que conheci o Programa de Educação Tutorial (PET) e que decidi que tentaria participar do programa quando estivesse no segundo semestre e abrissem novas vagas. Comecei a frequentar reuniões de vários laboratórios, participei do Grupo de Estudos Sobre Geografia e Raça que era desenvolvido por alguns(algumas) estudantes veteranos dentro do curso.

O grupo de estudos foi um momento importante para a minha formação como pessoa e futuro professor, pois foi a partir daquele momento que comecei a compreender quem de fato eu sou: um homem negro.

Não que em outros momentos da minha vida eu não tivesse compreendido que era uma pessoa negra, mas foi naquele momento que comecei a ter estudos sobre o que é ser negro, como meu corpo ocupa os espaços nos quais estou inserido.

Naquele momento comecei meus estudos enquanto uma pessoa negra, algo que não é abordado dentro do curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará (uma geografia negra), até mesmo os estudos sobre o maior nome da geografia brasileira, Milton Santos, não abordam a questão racial, algo presente na história de vida e escrita desse geógrafo.

Ainda no primeiro semestre participei do Encontro Estadual dos Estudantes de Geografia (EEEGE), realizado na Universidade Regional do Cariri (URCA), um momento incrível de partilha de experiências (embora ainda não tivesse muita enquanto estudante de Geografia) e também onde pude fazer amizades que ainda fazem parte da minha vida.

O ponto principal é que o momento em que ingressei na universidade foi marcado por diversos acontecimentos que me fizeram cada vez mais participar daquele espaço. E ainda as futuras aulas de campo que os veteranos tanto falavam era algo que estava animado para participar.

Todavia, quando retorno à universidade, no primeiro semestre de 2021, após pouco mais de mês desde que o semestre havia começado, a Pandemia da Covid-19 começa e eu só retornei às aulas presenciais dois anos depois.

E quando retornaram pude viver a experiência de ser aluno da UFC, participar das aulas de forma presencial, passar tempo com os(as) amigos(as) e colegas, frequentar grupos e ir a eventos.

Figura 2: Dia de matrícula na UFC



Fonte: Autor, 2019.

Figura 3: Foto em aula de campo



Fonte: Autor, 2023.

2. O ENSINO E AS VIVÊNCIAS DURANTE A PANDEMIA

No começo, quando já haviam sido registrados vários casos de Covid no país, lembro que na época 2 casos já haviam sido registrados em Fortaleza, a universidade iria passar duas semanas sem aulas, pois acreditava-se que aquele seria o tempo necessário para o controle daquela doença. Por já estar com vários conteúdos para estudar, pensei que 2 semanas de “férias” não seria ruim, só não imaginava que passaria 4 semestres estudando de forma remota.

De um momento para o outro todas as vivências que eu esperava ter ao longo da minha formação como professor de Geografia foram inviabilizadas por conta da pandemia, era o que eu pensava.

A universidade passou alguns meses sem aulas e ao retornar o único caminho encontrado fora as aulas remotas, que foi uma alternativa para que os(as) alunos(as) não ficassem mais tempo sem aulas.

Todavia, as aulas remotas não eram suficientes para que o aprendizado fosse efetivo, pois era uma medida que foi utilizada como saída de emergência, pois precisávamos voltar às atividades.

Assistir aulas pela tela do computador por dois anos impossibilitou o aprendizado das disciplinas como deveria ser. Ademais, era um período de grande preocupação, visto o isolamento, o medo de ser contaminado pela doença (ou que alguém da família fosse contaminado pelo vírus), as notícias constantes sobre a situação nos hospitais, as incertezas sobre a doença e o tratamento, entre outros. Todos esses fatores faziam com que as aulas remotas mais parecessem uma loucura: focar na sua formação profissional enquanto o mundo vivia um período de caos.

A participação nas aulas era algo difícil, por muitas vezes os(as) professores(as) eram ignorados(as) durante as aulas, ficavam buscando por maneiras de incentivar a participação dos(as) estudantes, mas era algo que raramente acontecia, pois quase ninguém se sentia à vontade para falar mais do que “presente” para não receber faltas.

Por quatro semestres essa foi a realidade vivenciada por estudantes e professores(as), um período de formação marcado por uma pandemia, uma formação cheia de lacunas.

Para os estudantes de Geografia, não tínhamos a opção de aulas de campo, restando buscar entender o contexto da interação do ser humano com o meio apenas através dos artigos e livros que os(as) professores(as) utilizavam em sala de aula.

Por pouco mais de dois anos essa foi a nossa realidade, afastado da universidade e das vivências no espaço acadêmico, então para compensar essa lacuna eu optei por ingressar em diversos projetos que poderiam me ajudar.

2.1 O PET Geografia UFC

Durante a primeira semana de aula o PET Geografia realizou o evento Recém-Ingresso para apresentar o curso e as oportunidades e estruturas que existem dentro da universidade.

O evento foi realizado três dias, no qual aprendemos um pouco sobre os laboratórios, os(as) professores(as), as pesquisas desenvolvidas, a matriz curricular do curso, as aulas de campo e as oportunidades de bolsa.

Desde a primeira semana de aula decidi que iria tentar fazer parte do PET, pois seria algo que iria complementar a minha formação. O programa trabalha com os três eixos desenvolvidos na universidade: pesquisa, ensino e extensão.

Quando as aulas retornaram durante a pandemia, de forma remota, o programa abriu o processo seletivo e, no dia 3 de agosto de 2020, comecei a fazer parte do programa, saindo no dia 10 de março de 2023.

Participar do PET durante o ensino remoto me ajudou a cobrir algumas lacunas que aquela modalidade trouxe para a minha formação. Desenvolvemos eventos, trilhas de leitura, rodas de conversa, atividades de pesquisa (coletiva e individual), enviamos trabalhos para encontros, participamos de eventos.

A participação no programa, embora também tenha sido marcada por alguns momentos ruins, contribuiu de forma significativa para o meu desenvolvimento como futuro profissional e estudante de Geografia.

O desenvolvimento no tripé universitário ajudou na perspectiva do que iria fazer e como construir um caminho. Realizávamos atividades no decurso de todo o ano, sempre buscando melhorar as atividades que eram desenvolvidas mais de uma vez.

Embora o PET possibilite que o(a) bolsista fique no programa até o fim da graduação, optei por sair do programa antes disso para que pudesse buscar por novas possibilidades que estivessem além dos muros da universidade.

Figura 4: Apresentação de oficina pelo PET Geografia UFC



Fonte: Autor, 2022.

2.1.1 Os demais projetos realizados durante a graduação

Além do PET Geografia, durante o período de graduação ingressei em alguns outros projetos que poderiam contribuir para a minha formação de professor. Projetos que me proporcionaram contato com os estudantes (mesmo antes dos estágios curriculares).

O primeiro projeto que decidi integrar, que conheci através de um amigo, que me convidou para integrar o grupo de professores(as), foi o Cursinho Popular da Caucaia, oferecido pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE) de Caucaia. O cursinho tinha como objetivo preparar os estudantes para o ENEM, que também estavam sem conseguir ter acesso aos conteúdos obrigatórios no exame por conta da pandemia.

Nunca imaginei que a minha primeira experiência de professor seria de forma remota, mas foi o que aconteceu. Como na época ainda não tinha cursado nenhuma

disciplina voltada para o ensino, ou sequer todas as disciplinas da Geografia, ser professor naquele cursinho foi um verdadeiro desafio.

Precisava de horas para preparar as aulas e por conta do ensino remoto, assim como acontecia nas aulas nas quais eu era o aluno, meus/minhas alunos(as) também não costumavam participar de forma efetiva nas aulas, o que às vezes resultava em aulas com poucos(as) alunos(as) e pouca participação.

Todavia a experiência naquele cursinho já começou a despertar ainda mais a minha vontade de ser professor, por isso, apesar das dificuldades, fico feliz em ter participado daquele cursinho e ter conseguido ajudar alguns estudantes a alcançarem os seus objetivos de ingressar no ensino superior.

Minha outra experiência como professor, que também aconteceu de forma remota, foi o Cursinho IDEIA, um cursinho preparatório para o ENEM que era oferecido por estudantes dos PETs que formavam o Interpet (associação dos grupos PETs).

Durante o período nesse cursinho, as aulas também não tinham muita participação dos(as) estudantes, mas assim como no Cursinho Popular da Caucaia, não me deixei abalar e decidi seguir em frente até o fim e continuei com as aulas.

As duas experiências, mesmo que parecidas, por terem acontecido em momentos diferentes, trouxeram motivações diferentes: sabia que era apenas o começo e que ainda tinha um longo caminho pela frente para me tornar professor, mas continuei decidido de que era essa a profissão que iria exercer.

O terceiro projeto do qual participei, e ainda participo, é o Salvaguarda, projeto que tem como objetivo também auxiliar estudantes que irão fazer a prova do ENEM e outros vestibulares, de forma remota.

O projeto funciona da seguinte maneira: os estudantes entram no grupo geral e, ao ter uma dúvida sobre questão ou assunto de alguma disciplina específica, entram no grupo da disciplina e solicitam por um monitor que irá ajudá-los por mensagens.

Por conta dessa metodologia já pude ajudar estudantes de todo o Brasil, e com dúvidas em vários assuntos (o que faz com que eu precise sempre estudar assuntos que já não vejo desde que finalizei a disciplina) e para diversos exames.

Ademais, embora não envolvesse estar em sala de aula, também participei como coordenador geral do Projeto Ação do Grupo Interpetiano Reunido (AGIR), uma

iniciativa dos PETs para aproximar a universidade das escolas através de minicursos e oficinas.

Fiquei cerca de um ano no projeto, buscando escolas e organizando o evento para que os(as) estudantes e alunos(as) tivessem a oportunidade de se aproximarem a aprenderem sobre o que está sendo realizado na universidade, além de servir como um incentivo para estudantes que muitas vezes não enxergam a possibilidade de ingressarem em uma instituição de ensino superior.

Diversos foram os caminhos que busquei para tentar me aperfeiçoar como discente, mesmo que longe das salas de aula tradicionais, foram oportunidades que abracei e que me ajudaram a manter as forças durante os períodos em que estava afastado até mesmo das salas onde eu era o aluno.

Figura 5: Comissão Geral AGIR 2023



Fonte: Instagram, 2023.

2.2 Os eventos acadêmicos

Dos momentos mais marcantes que vivenciei durante a graduação, destaco os eventos acadêmicos como os principais. Além de apresentar trabalhos, pude conhecer outras cidades, novas pessoas, e outros modos de se pensar a Geografia.

Gostaria de destacar três eventos que foram marcantes na minha graduação: o XX Encontro Cearense dos Grupos PET (ENCEPET), o 15º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia (ENPEG) e o X Fala Professor.

O primeiro deles, o ENCEPET, aconteceu na Universidade Federal do Ceará, no campus de Quixadá. Foi um evento realizado pelos grupos PETs do Ceará. O evento tinha como objetivo a integração dos grupos e o compartilhamento de experiências e pesquisas que cada curso estava desenvolvendo.

Um dos principais motivos pelo qual esse evento merece destaque é que foi o primeiro evento que aconteceu de forma presencial que eu participei após a pandemia. Foram momentos de socialização e partilha de experiências e vivências que me fizeram me aproximar da realidade de outros grupos e estudantes.

Figura 6: Apresentação de trabalho no XX ENCEPET



Fonte: Autor, 2022.

Já o ENPEG, que foi realizado em Salvador, optei por colocar na lista por conta de que foi o primeiro evento que participei em outro estado, além da primeira viagem que realizei sozinho, sem nenhum grupo.

O evento trouxe muitos elementos da cultura da cidade, como alimentos (destaque para o dia de comidas típicas, quando experimentei acarajé e abará pela primeira vez), danças e músicas. Também participei de oficinas e minicursos com a temática de geografias negras, que me trouxeram muita inspiração e conhecimento.

Pude apresentar um trabalho no evento e contar um pouco da minha experiência como pesquisador, contribuir com os trabalhos apresentados por outras pessoas e ter o meu trabalho com a contribuição delas.

Destaco ainda a maravilha que foi conhecer a cidade de Salvador e parte da sua cultura, em alguns momentos com outros estudantes de Geografia que conheci no evento.

E por fim, o Fala Professor, evento realizado na cidade de Fortaleza. Esse evento foi onde mais tive a oportunidade de conhecer os ensinos de Geografia em outros estados. Conhecer a realidade do ensino em outros lugares do Brasil.

Pude apresentar um trabalho que realizei com os(as) alunos(as) durante o último estágio; participar de oficinas e minicursos que irão me ajudar quando estiver em sala de aula.

Figura 7: Foto tirada durante o evento X Fala Professor



Fonte: Autor, 2023.

Os eventos acadêmicos são importantes espaços de conhecimentos para que possamos compreender o que está acontecendo em outros estados e regiões, para conhecer outras pessoas, cidades e culturas, são momentos que tornam a graduação completa

3. DISCIPLINAS FUNDAMENTAIS E OS ESTÁGIOS

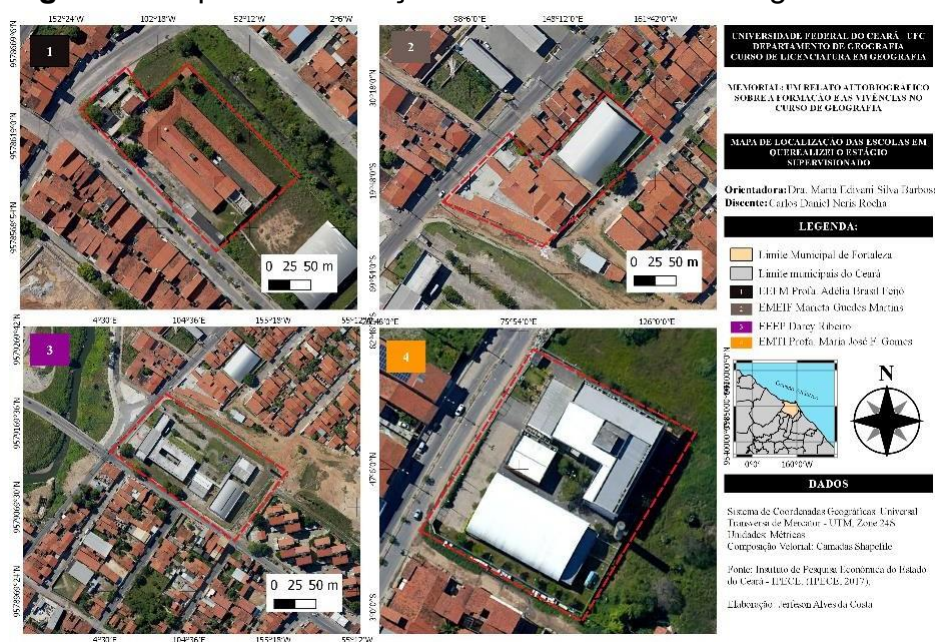
Muito se fala sobre a profissão docente ser um dom daqueles que a exercem, algo que eu nunca concordei. Embora existam profissionais que realmente têm aptidão para estarem em sala de aula, ser professor(a) vai além de ter um dom ou de trabalhar por amor (que embora o amor pelo que se faz seja necessário na prática docente, o que precisamos é de valorização) envolve estudos e reflexões sobre a prática docente.

Portanto, decidi destacar duas disciplinas que cursei ao longo da graduação: Geografia e Ensino II (cursada durante o período em que também estava nos estágios) e a disciplina de Gênero, Sexualidade, Feminismos e Interseccionalidade na Educação (que estou cursando durante o meu último semestre) por serem disciplinas que vejo como fundamentais para o exercício da docência.

Compreender que o(a) professor(a) é um(a) profissional que irá se deparar com diversas realidades ao longo de sua carreira é entender que precisamos está sempre exercendo a função de pesquisador, além de a empatia ser uma característica fundamental para o docente.

Os estágios foram realizados em quatro escolas próximas a minha casa, sendo que duas das escolas foram lugares onde estudei e por isso optei por retornar enquanto docente em formação.

Figura 8: Mapa de localização das escolas onde estagiei



Fonte: IPECE, 2019, Elaboração de Costa, 2023.

3.1.1 Disciplina de Gênero, Sexualidade, Feminismos e Interseccionalidade na Educação

No começo da disciplina, para que todos pudessem compreender que ocupamos espaços distintos e podemos falar sobre, começamos a leitura com o livro “O que é lugar de fala?”, da autora Djamila Ribeiro (2019). Acredito que começar com esse livro faz com os(as) alunos(as) entendam que iremos precisar debater os mais diversos assuntos em sala de aula, mesmo que não nos atravessem de forma direta.

A autora Djamila Ribeiro defende em seu livro que todos possuímos lugares de fala, mas que nem todos os espaços de onde falamos são iguais, por isso devemos ter consciência de onde nossa voz vem.

Como professor, estudar as diversas realidades sociais e desenvolver o pensamento crítico em sala de aula é um dever, pois não devemos nos prender à hegemonia do currículo escolar.

Questões como gênero, que são emergentes no contexto escolar, foram abordadas com autoras como Lopes (1997), que nos alertam para sair da binariedade do gênero (masculino e feminino), ou Colling (2018), que de forma a facilitar a compreensão do(a) leitor(a), aborda temas sobre gênero e sexualidade e de que formas são construídos, assim como tivemos rodas de conversa com professores(as) da rede municipal que desenvolvem trabalhos nessas áreas.

O discurso feminista também aparece em alguns momentos da disciplina, com destaque para Adichie (2014) que teve seu discurso transformado no livro “Sejamos todos feministas”.

A autora fala sobre a normalização de certos comportamentos na sociedade e como as atitudes femininas são levadas em consideração, sempre com maior peso se compararmos as mesmas atitudes feitas por homens e como a sociedade define os papéis de gênero em uma lógica muito estreita.

O tema sobre branquitude e a sua estrutura de privilégio e manutenção do poder também foi abordado através de autoras como Schuman e Schlickmann (2018). O debate racial não deve permanecer como algo alheio às pessoas brancas, deve ser abordado a partir de diversas perspectivas e raças.

Todos esses assuntos, embora possam ser separados em algum momento, são perspectivas que se atravessam, e por isso devemos compreender de que forma estão interligados.

Para isso, Collins e Bilge (2021) utilizam o termo interseccionalidade, pois os espaços que uma pessoa ocupa, seja de privilégio ou de minoria, é atravessado por diversos fatores e uma mesma pessoa pode ocupar mais do que um espaço.

Entendendo que a escola não está isolada da sociedade, pois também é uma estrutura social, cursar uma disciplina que busca abordar os mais diversos assuntos de forma interseccional é algo que irá contribuir para o desenvolvimento da atividade docente.

Um(a) professor(a) deve sempre levar em consideração que lecionar não é o mesmo que seguir uma receita de bolo, em que se você seguir os mesmos passos todas às vezes terá um bom resultado. A educação tem que ser pensada utilizando como referencial a realidade da comunidade na qual a escola está inserida, a realidade vivenciada pelos estudantes.

Ao longo da minha formação na educação básica eu senti o peso de assistir aulas que não foram preparadas pensando na realidade em que vivíamos, como se estivéssemos alheios ao que estava sendo discutido e, por isso, decidi buscar, na qualidade de professor, trabalhar de maneira crítica com a realidade dos estudantes.

Figura 9: Roda de conversa sobre branquitude



Fonte: Autor, 2023.

3.2 Estágio Supervisionado I

Por conta da pandemia, optei por realizar os estágios quando as aulas retornassem de forma presencial, pois queria que a vivência em sala de aula fosse de fato uma vivência, o que vários colegas não conseguiram e tiveram seus estágios resumidos a mandarem atividades por grupos em redes sociais.

Ao longo da graduação vamos aprendendo diversos assuntos nas disciplinas que, na maioria das vezes, não são abordados pensando na Geografia escolar, o que pode contribuir para uma lacuna entre teoria e prática.

Dessa forma, os estágios supervisionados são os principais momentos para que a teoria possa ser aplicada juntamente com a prática. Pensar em uma geografia que não leve em consideração a realidade da comunidade local não é pensar uma Geografia crítica.

Conforme (Lima, apud, Santos (2016):

A teoria só adquire significado quando vinculada a uma problemática originada da prática e esta pode ser transformada quando compreendida nas suas múltiplas determinações, nas suas raízes profundas, com auxílio do saber sistematizado. (SANTOS, 2016, p. 16)

Os estágios são os principais momentos nos quais os(as) estudantes conseguem se aproximar da escola e da prática docente, por isso a importância de que essa prática seja pensada de forma crítica.

É essencial pensar que o “estágio” como projeto é um caminho que precisa ser visto como horizonte ou utopia, a ser conquistado nos currículos dos cursos de formação. Pois ainda hoje, há visões errôneas sobre como o estágio deve ser realizado, como apenas o momento de colocar em prática o que aprendeu com a teoria ou então a forma reducionista a prática como instrumentalização técnica, o como fazer. Essas atividades fazem com que não se possibilite a compreensão do processo de ensino em seu todo ao não conseguirem dar conta do conhecimento científico e da complexidade das situações do exercício desses profissionais (PIMENTA; LIMA, 2005). Com isso, surgiu um criticismo que promoveu uma negação didática, que logo após foi mudada para as escolas em geral e isso ocasionou uma forma de estágio que gerava conflitos e distanciamentos entre universidade e escola.

O reducionismo dos estágios às perspectivas da prática instrumental e do criticismo, como anteriormente apresentadas expõe os problemas na formação profissional docente. A dissociação entre teoria e prática aí presente resulta em um empobrecimento das práticas nas escolas, o que evidencia a necessidade de se explicitar por que o estágio é teoria e prática (e não teoria ou prática). (PIMENTA&LIMA, 2005. p. 11)

Também é no estágio que podemos compreender como os estudantes lidam com a Geografia enquanto disciplina escolar e sua contribuição para o desenvolvimento da cidadania.

Ademais, conhecer o espaço da escola e a forma como este funciona é uma das reflexões que devem ser feitas pelo estagiário. Sato e Fornel (2015), declaram:

Conhecer a organização do espaço escolar e as relações entre os sujeitos é uma necessidade, na medida em que a aula não é um acontecimento isolado de uma sala, mas está inserida no espaço social de uma instituição de ensino. (SATO&FORNEL, 2015, p. 53)

O espaço escolar deve compor um todo coerente, pois é nele e a partir dele que se desenvolve a prática pedagógica, ou seja, ele constitui um espaço de possibilidades ou de limitações; tanto o ato de ensinar como o de aprender exigem condições propícias ao bem-estar docente e discente (RIBEIRO, 2004).

O primeiro estágio foi realizado na EMEIF Marieta Guedes Martins, uma escola localizada no bairro Novo Mondubim, em Fortaleza. Escolhi a escola por ser próxima a minha casa, o que facilitaria bastante.

Os estágios supervisionados no curso de Geografia têm a proposta de serem momentos que vão além de estar em sala de aula, trata-se de momentos para desenvolver a habilidade de professor- pesquisador.

Desta forma, além das aulas práticas, temos momentos de observação, planejamento e pesquisa, que são temáticas abordadas durante as aulas teóricas em sala de aula com o professor responsável pela disciplina- atividade de estágio.

A experiência no primeiro estágio, que possui a maior parte da carga horária como observação, foi uma experiência que no começo eu não pensava que seria importante, pois parar para assistir uma aula do Ensino Fundamental não me era atrativo.

Todavia, conforme as aulas em sala de aula (na universidade) traziam abordagens sobre o que era o estágio, pude perceber como estava naquela sala ocupando uma posição bem diferente de quando era aluno.

Entender o espaço escolar e todas as suas dinâmicas enquanto observador foi uma experiência importante para compreender um pouco sobre o desenvolvimento da docência.

Figura 10: Sala de aula espacial na escola Marieta



Fonte: Autor, 2022.

3.2.1 Estágio Supervisionado II

O estágio foi realizado com turma de EJA na EEFM Prof^a Adélia Brasil Feijó, que também foi a escola onde cursei o Ensino Fundamental, anos finais.

Ao partir para a reflexão da realidade, o estágio como pesquisa analisa o contexto onde estão sendo realizados e indica um profissional pensante, que vive em um determinado espaço e em um certo tempo histórico, capaz de vislumbrar o caráter coletivo e social de sua profissão. É o momento de construir conhecimento sobre a prática docente com os saberes teóricos articulados aos saberes da ação dos professores e da prática institucionalizada. A teoria serve para oferecer aos professores perspectivas de análises para o entendimento dos diversos contextos e o seu próprio, com a finalidade de identificar os limites na formação, para então, superá-los. E essa superação se dará a partir de teorias que permitam aos(as) professores(as) entenderem as restrições impostas pela prática institucional e pelo histórico social ao ensino, de maneira a identificar o potencial transformador das

práticas, que devem considerar as pluralidades e desigualdades existentes na sociedade.

O estágio como projeto tem como objetivo colaborar no processo de formação dos educadores, ao compreender e analisar os espaços de sua atuação e a inserção de um profissional crítico. O projeto como possibilidade metodológica pode gerar conhecimento sobre o real, responder às demandas da escola, ao levar conhecimento produzido e se nutrir destas para a elaboração de propostas, estabelecendo um diálogo entre escola e universidade, configurando-se como um projeto de intervenção e despertando a atitude de pesquisador ao estagiário.

Para o estágio na Educação de Jovens e adultos, um processo em que os alunos são constantemente subestimados, pelos(as) professores(as) em sala de aula e por aqueles(as) que elaboram os livros didáticos, que simplesmente ignoram os(as) estudantes dessa modalidade enquanto cidadãos que são capazes de desenvolver um senso crítico sobre a realidade na qual estão inseridos.

De acordo com Oliveira (2007), pouca atenção é direcionada para a EJA, pois subestimar os(as) estudantes surge como um caminho mais fácil do que uma educação libertadora, uma educação de base para formação do sujeito:

Esse é, possivelmente, um dos principais problemas que se apresentam ao trabalho na EJA. Não importando a idade dos alunos, a organização dos conteúdos a serem trabalhados e os modos privilegiados de abordagem dos mesmos seguem as propostas desenvolvidas para as crianças do ensino regular. Os problemas com a linguagem utilizada pelo professorado e com a infantilização de pessoas que, se não puderam ir à escola, tiveram e têm uma vida rica em aprendizagens que mereceriam maior atenção, são muitos. (OLIVEIRA, 2007. p. 88).

Durante o período de observação do estágio, nos momentos anteriores às aulas, na sala dos(as) professores(as), frequentemente me deparei com profissionais que estavam naquela modalidade de ensino apenas para cumprir com uma carga horária, que não enxergavam nos(nas) alunos(as) pessoas capazes de realizar ou conquistar grandes coisas.

Fosse pelo cansaço de estar no terceiro turno seguido, pela dificuldade de trabalhar com as turmas (alunos desrespeitosos, ou com um nível escolar incoerente com a série que estavam cursando, ou pelo simples fato de não acreditarem no potencial dos alunos) a verdade era que aqueles(as) estudantes não estavam sendo formados para saírem da escola como cidadãos críticos.

De acordo com Oliveira (1998), citado por Straforini (2004, p. 51):

acredita que existe um renovado interesse pelo estudo da Geografia em virtude do processo de aceleração da globalização. Desta forma, a Geografia passa a ter papel de destaque na escola, pois é a única disciplina a possibilitar o acompanhamento das transformações recentes de forma integrada. (OLIVEIRA, 1998, *apud* STRAFORINI, 2004, p. 51).

Diante disto, a importância de acompanhar os(as) estudantes de Geografia e a sua relação com a disciplina se faz necessária para o desenvolvimento do(a) aluno(a), como estudante e como cidadão(ã) pertencente a uma sociedade.

Durante o período de regência no estágio foi possível desempenhar algumas atividades, desde aulas um pouco mais tradicionais, visto a necessidade de continuar com o conteúdo previsto, até as aulas sobre Geografia do Ceará e Maracatu.

No primeiro momento, devido à falta de experiência com a Educação de Jovens e Adultos, a abordagem foi um pouco mais difícil, pois a explicação dos conteúdos deve ser feita de forma distinta em alguns momentos, pois vários(as) alunos(as) já estavam longe da escola desde a adolescência.

Todavia, com a ajuda do professor, principalmente nas primeiras aulas, foi possível perceber que as aulas começaram a ocorrer de uma melhor maneira, já que ao final da regência os(as) alunos(as) já estavam mais participativos nas aulas. As práticas também envolveram conteúdo de revisões para as provas, resolução de atividades e explicação de conteúdo.

3.2.2 Estágio Supervisionado III

Realizei o terceiro estágio na EMTI Prof^a Maria José Ferreira Gomes, uma escola de tempo integral que está situada próxima a minha residência. Quando cheguei à escola para solicitar meu estágio tive uma ótima surpresa: um ex-aluno do curso de geografia (Felipe Lopes) era o professor da escola. Embora não fossemos amigos, ver um rosto familiar me ajudou bastante a adentrar naquele espaço.

Além disso, enquanto supervisor o Felipe foi o professor que mais me deu a liberdade de assumir a sala de aula, fosse com a forma de abordar o conteúdo ou com a maneira de lidar com os(as) alunos(as).

Por várias vezes nas aulas, ouvi meus/minhas professores(as) falarem que um(a) bom/boa professor(a) é aquele(a) capaz de pegar um pincel, utilizar um quadro e dar uma aula, simples assim, ignorando o processo de planejamento, algo que ao longo do estágio pude perceber que nada mais é do que uma fala sem sentido.

Durante o período do curso de graduação, nas aulas destinadas aos(as) alunos(as) de licenciatura, por algumas vezes temos como atividade apresentar planos de aulas, geralmente podemos escolher o tema, os materiais que serão utilizados que, por se tratar de uma situação hipotética, não costumam faltar, e além disso, o tempo para a entrega desse plano de aula costuma ser bastante generoso.

Todavia, a realidade dentro do ambiente escolar acaba distinguindo do que acontece no espaço acadêmico, pois não temos todo o controle diante dessas situações, principalmente no que diz respeito ao material que buscamos utilizar em sala de aula.

Defendo que a parte mais difícil durante todo o estágio foi o planejamento pois, se por um lado existia a possibilidade de seguir cegamente o livro didático, por outro, que parecia ser bem melhor em alguns momentos, utilizar da criatividade para planejar uma boa aula, que fosse cativante para os(as) estudantes.

Somando a isso, também tinha a questão fundamental: eu não me sentia preparado para planejar uma aula, embora me sentisse preparado para lecionar. Com isso, muitas horas foram dedicadas para a elaboração de aulas. Se para algumas aulas, devido o cronograma escolar e também a certa facilidade, optava por trabalhar com o livro (apesar de não defender o uso exclusivo do livro didático, também não defendo descartá-lo do processo de ensino) em outros momentos buscava planejar aulas mais dinâmicas.

O período de planejamento foi o momento mais diversificado de todo o estágio, pois com o passar das semanas, optava por mudar algum detalhe na forma como as aulas estavam acontecendo, com base no tipo de metodologia para a qual os alunos se identificavam mais.

Dessa forma, defendo que, juntamente com a regência, o planejamento corresponde à atividade que mais aproxima o estagiário de se tornar um(a) professor(a). Planejar uma aula não é como fazer um bolo, mesmo que você tente seguir uma receita, nada garante que ela irá funcionar para todas as turmas, visto a pluralidade de ideias que conseguimos encontrar em cada grupo de adolescentes. Um(a) bom(a) professor(a) não irá buscar aulas “prontas” na internet, pois ao fazer isso o(a) profissional já não está exercendo a sua função como professor(a)-pesquisador(a), servindo apenas como alguém que reproduz, não agregando com

suas pesquisas e estudos, e muito menos com a realidade distinta de cada escola, turma ou aluno(a).

O período de regência sempre será o momento mais desafiador para um(a) estudante de licenciatura pois, mesmo sendo o aluno durante as aulas no curso de graduação, naquele período do estágio agora você está na posição de professor.

E apesar de todas as aulas durante o curso, será que nesse momento já conseguimos nos apropriar dessa nomenclatura? Qual postura deve-se utilizar em sala de aula, como irei preparar minhas aulas, como lidarei com quarenta adolescentes de uma vez?

Essas foram algumas perguntas que passaram pela minha cabeça conforme o período de regência se aproximava, e continuaram durante esse período e, como ainda não respondi de forma satisfatória, segue mesmo após o fim do período do estágio.

Com dúvidas ou não, eu precisava exercer a função de professor para aquelas turmas, e foi o que eu fiz. No começo, planejar as aulas se mostrou uma atividade muito complexa, visto que existia uma necessidade de adaptar o conteúdo da melhor maneira possível, o que até então eu apenas tinha feito em alguns momentos, mas sempre para nível médio e não para o ensino fundamental.

Ao longo do período de regência, consegui entender, ainda que de forma rasa, como construir o momento de aula junto com os(as) alunos(as), que também foram uma grande questão durante o período de estágio.

Na primeira semana ser a figura do professor em sala de aula não foi uma etapa simples, pois tentar manter o foco dos(as) alunos(as) na aula e não em conversas paralelas se mostrou uma etapa difícil, sendo em alguns momentos desrespeitosa por parte dos(as) alunos(as).

Contudo, conforme a convivência com os(as) alunos(as) evolui ao longo das semanas, as aulas conseguem fluir de maneira proveitosa, a participação dos estudantes aumenta e o interesse pelas aulas também.

A experiência de fazer parte do ambiente escolar como professor, apesar de todos os desafios, se mostrou muito proveitosa, pois vivenciar aqueles momentos corrobora com a certeza da escolha de ser professor, ser uma pessoa disposta a transformar realidades através da educação.

Na próxima vez que entrar em uma sala de aula de Ensino Fundamental, acredito que já formado como professor, irei levar as experiências do estágio que realizei naquela escola, onde, graças ao apoio do meu professor supervisor, tive a oportunidade e a confiança para trabalhar da forma que achasse ser a mais adequada para cada turma.

O livro de Will Gompertz, *Pense como um artista* (2015), corrobora com a ideia de ser um professor, um artista em sala de aula. O livro, de uma maneira cômica em alguns momentos, aborda a realidade dos artistas, desde suas práticas e falhas.

E justamente por conta das falhas, em um dos capítulos do livro o autor reflete sobre as falhas cometidas pelos artistas, chegando à conclusão de que um artista nunca falha, ele apenas descobre uma nova maneira de não executar determinada tarefa.

O mesmo acontece com os professores, se uma determinada aula não foi proveitosa por conta de alguma metodologia, não significa que o professor falhou enquanto profissional da educação, apenas que descobriu uma nova maneira de não ensinar aquele conteúdo. Um verdadeiro artista!

Ademais, em *Estética da Professoralidade*, Marcos Villela Pereira (2013) argumenta sobre o que é ser professor, algo que não surge apenas com formação acadêmica ou com algum dom divino para ensinar. O professor é uma marca que se produz no sujeito, através de suas vivências e reflexões.

Durante o período de estágio, podemos perceber as primeiras marcas que surgem no sujeito futuro professor, o início de um profissional da educação, com vivências e reflexões durante algumas semanas de vivência no espaço escolar.

Além disso, o livro *Sentidos da Geografia Escolar*, do autor Christian Dennys Monteiro de Oliveira (2009), trabalha a Geografia através dos sentidos humanos, às várias geografias percebidas e vivenciadas pelos corpos.

Na escola, por ser integral, os alunos também tinham disciplinas eletivas e, para complementar a carga horária de estágio, assumi algumas dessas disciplinas que eram de responsabilidade do professor de Geografia. A disciplina de Formação Cidadã e a disciplina de Astronomia (a qual optei por trabalhar uma geografia regional).

Sobre a primeira eletiva, foi interessante observar que estudantes do ensino fundamental já estejam se interessando por política, visto o fácil acesso a esse tipo de conteúdo por conta das redes sociais. Entendi naquele momento que o meu

objetivo com aquela disciplina e com os(as) estudantes era de tentar orientá-los(as) em relação às questões políticas.

Todavia, percebi que os(as) alunos(as), pelo menos a maioria, já estavam começando a seguir por caminhos conscientes. Quando estava no estágio soube que uma funcionária da escola cometeu um ato racista com um dos estudantes e, ao saberem disso, os(as) alunos(as) se organizaram para realizar um protesto para defender o estudante.

Embora tenha ficado revoltado com o ocorrido, saber que os(as) alunos(as) se posicionaram, juntamente com os(as) professores, e foram à rua (de frente à escola) para realizar uma manifestação foi importante para compreender os(as) alunos(as).

Dito isso, quando soube do ocorrido optei por falar sobre questões de raça dentro da escola, algo que busco sempre fazer durante as aulas, e percebi como os(as) alunos(as), a maioria negra, carecem de espaços para esse debate, como eu também senti falta durante os meus anos de estudos (na educação básica e no ensino superior).

As aulas sobre Geografia regional também serviram para motivar os(as) alunos(as) e para que esses pudessem expor o seu conhecimento sobre o nosso estado, fosse através de momentos em viagens ou em histórias de familiares.

O estágio em uma escola com disciplinas eletivas me fez perceber a importância de os(as) professores serem capacitados a saírem do básico, buscar temas que possam trabalhar a realidade social dos(as) estudantes e o contexto no qual a escola está inserida.

Figura 11: Apresentação de aula sobre geografia regional



Fonte: Autor, 2022.

3.2.3 Estágio Supervisionado IV

O último estágio que realizei foi na escola de Ensino Médio, a EEEP Darcy Ribeiro, que também foi a instituição onde estudei durante o Ensino Médio, onde cursei o Técnico em Agroindústria. A supervisora do meu estágio foi a professora de Geografia Vanessa Goes, que também foi minha professora durante o tempo em que estive na escola.

A escolha de realizar o estágio na escola onde estudei era a melhor maneira que encontrei para encerrar o ciclo de estágios durante a graduação. Iria retornar para a escola que tanto contribuiu para a minha formação, só que agora como um futuro professor. Reencontrei vários dos(as) meus/minhas antigos(as) professores(as) que ainda estão na escola, assim como gestores e outros(as) funcionários(as).

Concluí o Ensino Médio em 2018 e retornei para o estágio em 2023, cerca de cinco anos depois e após o período da pandemia. Além dos(as) professores(as), a mudança principal é que agora a escola aborda temas que não tive durante a minha formação, abordagens mais sociais, como questões de raça e gênero.

Durante o estágio estive com as quatro turmas do terceiro ano do Ensino Médio, justamente as turmas que eu mais esperava ensinar, pois estão em momentos decisivos na vida, quando o ingresso no ensino superior, o fim do curso técnico e a entrada no mercado de trabalho.

O estágio no Ensino Médio, além do período na escola, também tínhamos as aulas na universidade, com a professora Edivani Barbosa, que levava autores da educação que iriam corroborar com a nossa prática na escola, como por exemplo: Passos, 2014, Libâneo, 1994, Vasconcelos, 2006. Autores que discutem sobre a importância do planejamento e prática docente. Por ser o último estágio, elaboramos um portfólio com registro da nossa trajetória na universidade, com ênfase nas aprendizagens que ocorreram durante a vivência no estágio IV.

Também realizei um projeto junto com os(as) alunos(as) durante o estágio, o “GeografArte”, para abordar o conteúdo que estava sendo trabalhado na época, sobre globalização, através de fotografias dos próprios estudantes. Levei esse trabalho para o evento X Fala Professor, que foi realizado pela AGB, em Fortaleza.

Particpei como jurado da Feira de Ciências, onde pude presenciar vários ótimos trabalhos feitos em conjunto por alunos(as) e professores(as) em várias áreas,

mas ficando responsável por avaliar apenas os trabalhos de ciências humanas, linguagens e meio ambiente.

Pude desenvolver melhor a relação com os(as) estudantes e as metodologias de ensino. O plano de aula e a sequência didática também foram importantes para a realização do estágio, assuntos que foram abordados ao longo da minha formação.

O último estágio foi o mais importante para mim, pois quero ser professor de escolas de Ensino Médio. Trabalhar com os(as) adolescentes e ajudá-los(las) no desenvolvimento do pensamento crítico. Ao fim do meu último estágio o sentimento de assumir uma sala de aula como o professor principal, não mais como estagiário, só aumentou.

A expectativa de assumir uma turma desde o começo do ano letivo, planejar as aulas e a metodologia de ensino, criar acordos com os(as) estudantes e desenvolver os laços que são inerentes à profissão docente. Atuar como professor e construir caminhos e possibilidades juntamente dos estudantes, trazer sentido às práticas de ensino e desenvolvimento da criticidade e da cidadania dos jovens são alguns dos motivos que me fazem estar em sala de aula.

Figura 12 A: Foto com a supervisora de estágio Vanessa Goes; **Figura 12 B:** Foto com a turma de Desenho da escola Darcy Ribeiro



Fonte: Do autor, 2023.

4. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE AS EXPERIÊNCIAS COMO DOCENTE

Conforme apresentei ao longo deste trabalho, não foram unicamente nos estágios, embora tenham sido as mais importantes, as práticas que realizei como docente.

Ao longo de cada projeto ou cada estágio tive profissionais e experiências que me ajudaram no desenvolvimento como docente. Nem todas as experiências foram positivas, mas todas contribuíram para o futuro que me aguarda em sala de aula.

As experiências em sala com os(as) alunos(as) e professores(as), lidar com várias realidades e pensamentos distintos, buscar metodologias para um melhor ensino, entre outras. Essas foram habilidades que busquei desenvolver ao longo de cada projeto ou estágio realizado.

Entender que a escola faz parte da sociedade e que devemos trabalhar temas que nem sempre são fáceis é papel do(a) professor(a), ainda mais o de Geografia, que irá auxiliar os(as) estudantes em questões que vão para a formação cidadã do indivíduo.

Cada estágio foi marcado por acontecimentos diferentes que contribuíram para a minha formação, para a minha indignação com o sistema educacional, para o meu desenvolvimento como professor e estudante.

Se para a primeira aula que ministrei levei horas para a finalização do plano de aula, pois ainda não tinha experiência, na última aula já demandava menos tempo. Se no primeiro estágio lidei de uma forma com um aluno rude, no último consegui contornar a situação de outra maneira.

Buscar compreender essa realidade é algo que fiz durante a minha atuação nos estágios, pois também cresci em uma realidade social menos favorecida. Ajudar os alunos a entender como a educação pode contribuir para a mudança da realidade social.

Embora o trabalho como professor seja difícil e desvalorizado, continuo acreditando que é um trabalho que vale a pena ser realizado, pois a educação é a porta de entrada para as mudanças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho trata de uma pesquisa autobiográfica onde conto um pouco da minha trajetória como estudante, da educação básica e do ensino superior, que se ligam na minha formação como professor.

Contar a própria história está além de lembrar os momentos vividos, mas de se compreender enquanto sujeito nos espaços que ocupei ao longo da minha formação. Quando comecei esse trabalho não tinha ideia da dificuldade que seria escrever sobre as próprias experiências, mas também foi um processo de autoconhecimento, de reflexão e de crescimento.

Os períodos em sala de aula, nos estágios ou em outros ambientes, me trouxeram a certeza de que para os próximos anos da minha vida o que quero é ser professor. Muitos que estiveram ao meu lado ao longo desses anos me ajudaram a trilhar o caminho para a professoralidade que quero exercer.

Nesta retrospectiva, confirmo que a experiência acumulada ao longo dessa trajetória não apenas consolidou meu desejo de ser professor, mas também me proporcionou as ferramentas necessárias para enfrentar os desafios inerentes à educação com confiança e determinação.

Em suma, cada capítulo deste memorial é uma página escrita com dedicação, esforço e paixão pela educação, e ao olhar para trás, sinto-me preparado e motivado para inspirar e impactar positivamente as vidas dos futuros estudantes que cruzarão meu caminho.

Ao encerrar este memorial, percebo que cada projeto e estágio foi uma pedra fundamental na construção do alicerce que sustenta minha futura carreira como educador, reforçando a importância do constante aprendizado e da adaptação no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Editora Companhia das letras, 2014.
- COLLING, Leandro. Gênero e sexualidade na atualidade. 2018.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Boitempo Editorial, 2021.
- DE ÁVILA TODARO, Mônica. **Memórias Escolares, Corporeidade e Práticas Educativas**.
- GOMPERTZ, Will. **Pense como um artista: ... e tenha uma vida mais criativa e produtiva**. [S. l.]: Zahar, 2015. 173 p.
- LIBÂNEO, J.C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- LIMA, Maria Socorro Lucena. Onde tudo começa: uma profissão chamada magistério e um profissional chamado professor, o Estágio em debate. In:___ Estágio e Aprendizagem da profissão docente. Brasília: Liber Livro, 2012. p. 35-47
- LOPES LOURO, Guacira. A emergência do gênero. **Gênero, sexualidade e educação. Petrópolis: Vozes**, p. 14-36, 1997.
- NEVES, Josélia Gomes. Cultura escrita e narrativa autobiográfica: implicações na formação docente. **CAMARGO, Maria RRM de.; SANTOS, Vivian CC (collab). Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação**, 2010.
- OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de: **Sentidos da Geografia Escolar**. Fortaleza: Edições UFC, 2009
- PASSOS, C. M. B. Planejamento de ensino: para além do burocratismo. In: SILVA, Elizabeth Moraes; ALBUQUERQUE, Luiz Botelho (Org.). **Estudos em currículo e ensino: concepções e práticas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014. p. 371 – 389.
- PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da Professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor**. 1. ed. [S. l.]: Editora UFSM, 2013. 248 p. v. 1.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência: diferentes concepções**. Revista Poiesis, Catalão, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2005-2006.
- RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- RIBEIRO, Solange Lucas. Espaço escolar: um elemento (in)visível no currículo. Sitientibus, Feira de Santana, n. 31, p 103-118, jul./dez. 2004.
- SATO, E. C. M.; FORNEL, S. R. **Conhecimento do espaço escolar**. In: PASSINI, E.Y. Prática de ensino e estágio supervisionado. São Paulo: Contexto, 2007. p.52-57.

SCHUCMAN, L. V.; SCHLICKMANN, R. Racismo e Branquitude: Psicologia e branqueamento no Brasil. In: **Roteiros temáticos da diáspora: caminhos para o enfrentamento ao racismo no Brasil**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

SILVA, Francisco das Chagas Rodrigues; MAIA, Sidclay Ferreira. Narrativas autobiográficas: Interfaces com a pesquisa sobre formação de professores. **Anais do VI Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI**, 2010.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, 2004.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Processo de Planejamento. In:_____. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização**, 24^a ed. São Paulo: Editora Libertad, 2006.p.62-73.